

11-01-2022

## PENHA

## Muza Clara Chaves Velasques

[Professora de história e pesquisadora da ENSP/Fiocruz]

Não tem jeito não. Criança suburbana do século passado ou subiu a Igreja da Nossa Senhora da Penha a pé ou ouviu a promessa da ida: "um dia vou levar você lá na Igreja da Penha pra conhecer a escadaria". Promessa feita, promessa cumprida ou não cumprida, dá no mesmo.

A cabeça moída de curiosidade fica matutando como é subir os 365 degraus e o escambau... Leva um ano?

Tem sacrifício e reza, mas tem recompensa: ali na beira da entrada, bem na beirinha no pé da subida do morro da Igreja fica o parque com carrossel, trem-fantasma, rodagigante, carrinho bate-bate (por que gostamos tanto de ficar levando tranco?) e tem também a Konga, a Mulher Gorila. Dizem que o carrossel é daqueles muito antigos no mundo. Só consigo confirmar pela certeza da minha idade. Agora, se a Santa fica acordada fora da hora da missa, deve passar grande parte do seu tempo dando boas risadas e piscando os olhinhos de emoção arrepiada. Parque de diversão faz criança gargalhar e namorados saborearem a maçã do amor dentro de um abraço. Santa sortuda!

*Por isso agora lá na Penha / Eu vou mandar minha morena / Pra cantar com satisfação / E com harmonia / Esta triste melodia / Que é meu samba em feito de oração.*

To-do-a-no no dia da festa da Santa minha mãe acordava a casa cantando. Acho que foi a primeira música que eu ouvi do Noel Rosa (*Feitio de Oração*, com Vadico. 1933).

Era bom acordar assim. Depois emendava em outra canção do poeta, essa eu preciso fazer força para lembrar de uns poucos versos ... *Pra ver a minha santa padroeira / Eu vou à Penha / De qualquer maneira... (De qualquer maneira*, com Ary Barroso. 1939). Abria as janelas daquele jeito de bater sol nos olhos, vestia as crianças com a roupa de sair, meu pai já tinha engraxado o sapato de véspera. Era um dia feliz para ela, Nossa Senhora da Penha a livrava do tanque e das panelas, ia pra rua sem precisar carregar o peso das sacolas de alimentar os filhos, só as mãos das crianças nas suas mãos. Era dia de subir outro morro. Sabia que quando chegasse na festa da igreja, ia poder presentear cada filho com um cordão de jujubas porque tinha guardado os trocados na latinha de segredos durante os meses.

Nos dois ônibus de ida o meu pai contava muitas histórias da cidade e da juventude dele. Apontava os lugares onde tinha dobrado as esquinas na audaz direção de um bonde. Gostava de ser motorista, falava que a vida o levou para o trabalho na fábrica mas não tinha o que reclamar, virava a curva da memória e contava da nova vida com o pensamento distante das palavras.

Os domingos de outubro são os melhores dias para pedir ou pagar promessas. Sobem a escadaria de joelhos com a vela na mão. Ninguém que faz promessa vai de elevador.

Corre o risco de não ter o pedido atendido. Na cabeça da gente, combinado de promessa sem esforço não dá em promessa forte. Daí fico pensando que o fervor religioso é um mistério. É bonito de se ver, afaga o sagrado e faz dele coisa só nossa mesmo quando temos a conchecença que é do outro também. A gente nunca sabe de verdade se a Santa ouviu os sussurros e se o milagre vai chegar. É que nem jogar na loteria, a gente perde mas não desiste de tentar.

Imagina cinco festas de igrejas todas juntas, uma multidão de barracas, o povo pra lá e pra cá. Tudo muito colorido no meio das bandeirinhas. Minha avó contava que na época dela o domingo da festa era regado pelo samba de roda tocado e dançado por homens e mulheres negras que dividiam o espaço com muita capoeira. O quente mesmo era a barraca da Tia Ciata, era a melhor moqueca de peixe da festa. De quebra ainda dava pra ouvir os bambas, né...

O Sinhô, o Donga, o Pixinguinha, o Ernesto Nazaré, todo mundo cantando e se refastelando da moqueca da Tia. Foi lá que ela conheceu o meu avô. Entre um quitute e outro a costureirinha de Oxum não perdia tempo. Tinha vezes que chegavam os meganhas e botavam todo mundo pra correr. A Penha corria de fazer tremer as pernas, quando avistava o Porto de Maria Angu, tremia era o corpo todo. A barca tinha partido e pra se safar da batida agachavam bem juntinhos atrás de umas caixas. *Demonstrando a minha fé / Vou subir a Penha a pé / Pra fazer minha oração / Vou pedir à padroeira / Numa prece verdadeira / Que proteja o meu baião/Penha, Penha / Eu vim aqui me ajoelhar/Venha, Venha / Trazer paz para o meu lar / Nossa senhora da Penha / Minha voz talvez não tenha / O poder de te exaltar / Mas dê benção padroeira / Pra essa gente brasileira / Que quer paz pra trabalhar / Penha, Penha / Eu vim aqui me ajoelhar / Venha, Venha / Trazer paz para o meu lar...* (*Baião da Penha*,

Guio de Moraes e David Nasser. 1951) Essa eu sei de cor porque gosto muito do Gonzagão. Cresci ouvindo por causa da minha tia da Abolição. Era padrinho de um filho dela, então era baião pra lá, baião pra cá na casa do tio Zeca Ferroviário. Desse alto que faz a vista perder de vista o horizonte, vejo a cidade toda e tudo fica miúdo. Os carros da avenida, o casario das favelas e das comunidades, a pobreza, e a fome que vai tirando o sossego da gente... consigo não ouvir o barulho das balas e nem ver os corpos estendidos. Fico sentindo nessa hora que a maldade daqueles homens daqui e de lá deixou toda gente descansar.

■ ■ ■

\*Agradeço às amigas irmãs, Vera e Solange, por me emprestarem algumas de suas lembranças que foram unidas às minhas. Não conheci o Cordão de Jujubas e a minha avó conheceu o caixeiro viajante por outras plagas.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.